

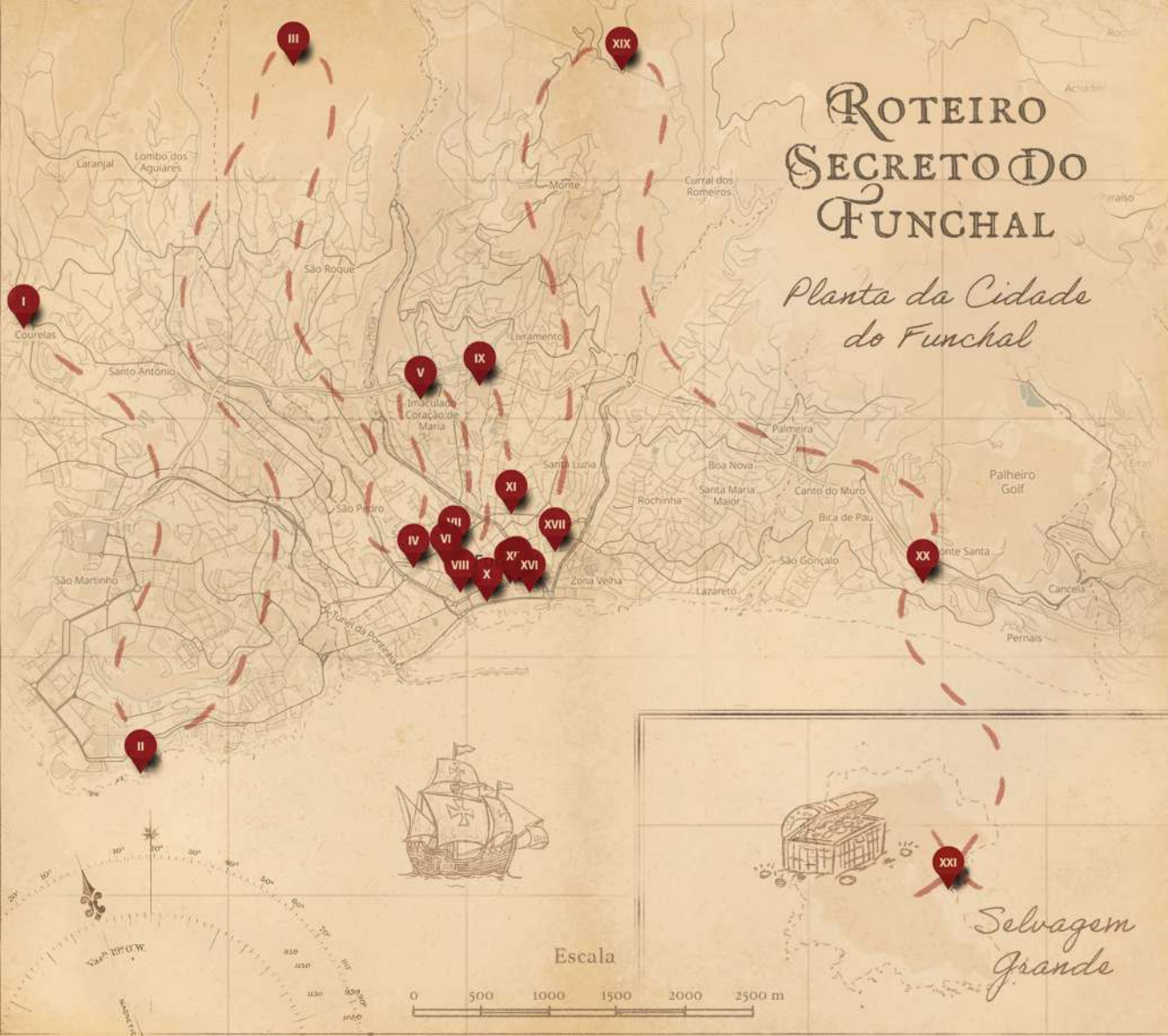


ROTEIRO
SECRETO DO
FUNCHAL

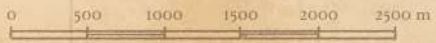


ROTEIRO SECRETO DO FUNCHAL

Planta da Cidade do Funchal



Escala



Selvagem Grande



ROTEIRO SECRETO DO FUNCHAL

Casa comum cedida à diversidade de uma parentela que se dilata no tempo, a cidade é um lugar onde cada recanto alberga a possibilidade de descoberta. Há, como nos velhos álbuns de família, a hipótese de surpresa, de encontrar um registo apagado, diluído na contingência de um descuido e dado às interrogações de uma nova geração.

O *Roteiro Secreto* surge como complemento ao *Guia Insólito do Funchal*, publicado na plataforma *Novemil* (novemil.org) da Câmara Municipal do Funchal e identicamente lançado nessa demanda nunca consumada de devolver aos sítios a narrativa que lhes corresponde.

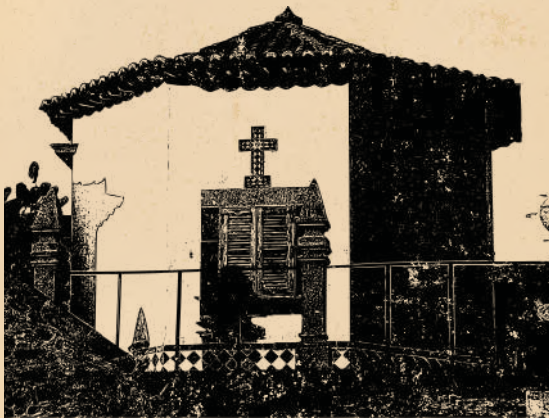
A memória, em verdade, possui feições – veste o agasalho que a crónica, ou o equívoco, lhe consagra. Nos pequenos e grandes dramas, nas sublimes comédias e íntimas tragédias, este Funchal que nos é dado a viver como palco tem, pois, os seus cenários concretos e, em cada assombroso e reiterado abrir e fechar de cortinas à boca de cena da História, a deixa que pode despertar a fala de um novo acto numa peça incompleta sem fim à vista.

O único segredo, afinal, é a perseverança.

ÍNDICE

I - O MASSACRE DOS JESUÍTAS	08	XII - O CRUCIFIXO QUE MOVEU O BRAÇO	52
II - AS ESQUADRAS DE NAVEGAÇÃO TERRESTRE	12	XIII - UM SANTO ATREVIMENTO	56
III - AS RUÍNAS DA ESPERANÇA	16	XIV - AS HORAS DO MUNICÍPIO	60
IV - AS CORRIDAS DE CAVALOS	20	XV - O PARAÍSO PERDIDO	64
V - A MADRE D'ÁGUA DA CIDADE	24	XVI - A FACE OCULTA DA PORTA DA CIDADE	68
VI - AS MOEDAS DE NAPOLEÃO	28	XVII - UM MISTÉRIO POR DESVENDAR	72
VII - A SEPULTURA PERDIDA DE ZARCO	32	XVIII - AS EXECUÇÕES PÚBLICAS	76
VIII - A TRÁGICA MORTE DE UMA ARISTOCRATA	36	XIX - O MILAGRE DO MONTE	80
IX - UMA VISTA PARA O MUNDO	40	XX - O DEMÓNIO DAS NEVES E O FANTASMA DA RIBEIRA	84
X - A NASCENTE DO CAPITÃO	44	XXI - O TESOURO PIRATA	88
XI - UMA JÓIA MANUELINA	48		

I

O MASSACRE
DOS JESUÍTASCAPELA DE NOSSA
SENHORA DO PÓPULO

*Caminho Velho da Chamorra,
Freguesia de Santo António*

A Capela de Nossa Senhora do Pópulo, construída no Pico do Cardo em 1754, para além de ser o único templo madeirense de planta octogonal perfeita e de rivalizar, em dimensão, com a Capela das Almas Pobres da Travessa das Capuchas (que reclama o título informal de mais pequena capela do mundo), assinala um dramático acontecimento do século XVI: o assassinato do sacerdote Inácio de Azevedo e dos seus 39 companheiros.

A 5 de Junho de 1570, quando o continente europeu vivia as convulsões de sucessivas guerras religiosas e a Companhia de Jesus começava a se afirmar como força ao serviço da Contra-Reforma e da doutrinação do Novo Mundo, partem de Lisboa para o Brasil oito embarcações com cerca de setenta jesuítas a bordo – a maior expedição evangelizadora até então realizada. Impunha-se uma escala na Madeira, onde aportariam no dia 12, ficando alojados na propriedade da Companhia de Jesus conhecida por Quinta dos Padres, em Santo António. Diz-se que, durante a permanência, tinham por costume fazer as suas orações no espaço onde agora se ergue a ermida oitavada. Perante a demora da restante frota em continuar a viagem, o capitão da nau

Santiago decide soltar as amarras e adiantar-se para uma outra paragem em Canárias, onde tinha negócios por concluir. Com ele vão quarenta dos religiosos. A 15 de Julho, à vista da ilha de La Palma, são atacados por cinco navios corsários sob o comando do francês Jaques de Sores. Eram huguenotes (protestantes calvinistas). Diante de um tão numeroso grupo de missionários católicos, os rancores e ódios sectários ganham fervor e consuma-se o maior martírio colectivo da Era Moderna. “Irmãos, preparemo-nos todos, porque hoje vamos povoar o Céu!” – brada Inácio de Azevedo. Ele e 39 companheiros são barbaramente executados e os corpos atirados ao mar. Um religioso, que havia sido poupado para servir de cozinheiro aos corsários, verá o seu lugar tomado pelo sobrinho do capitão da nau que, almejando o martírio, vestira a sotaina negra dos jesuítas. A capelinha que foi erguida no Funchal, em memória da estada e últimos dias destes que ficarão conhecidos como os Quarenta Mártires do Brasil, recordará, também, a invocação feita no momento em que se perpetrava o massacre: “Ninguém tenha medo nem fraqueza!” – repetia Inácio, segurando uma pintura junto ao peito. Era um ícone de Nossa Senhora do Pópulo.



II

AS ESQUADRAS DE NAVEGAÇÃO TERRESTRE

CANHÕES DO CLUBE NAVAL



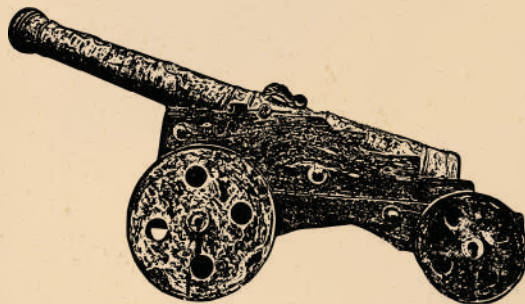
*Rua da Quinta Calça,
Freguesia de São Martinho*

Tendo por base uma longa história de rivalidades e divertimentos entre grupos boémios (conotados ora com o Regime Liberal, ora com o Absolutismo), surgiu, pela década de 80 do século XIX, uma nova espécie de colectividade lúdica estruturada em ajuntamentos de inspiração marcial: as Esquadras de Navegação Terrestre. É assim que aparecem, entre outras, a Esquadra Submarina de Navegação Terrestre, a Esquadra Torpedeira de Navegação Terrestre, a Esquadra Independente de Navegação Terrestre e a Esquadra Couraçada de Navegação Terrestre – ao contrário do que o despautério das designações possa indicar, a pertença a estes grupos era uma brincadeira levada muito a sério pelos seus membros, que respeitavam uma série de normas e rituais inspirados na disciplina da Marinha Portuguesa. Providas de uma verdadeira hierarquia (almirantes, vice-almirantes, contra-almirantes, capitães-de-mar-e-guerra, etc.), as esquadras faziam notar a sua presença na cidade realizando desfiles, aparecendo em actos públicos com farda de gala, executando exercícios militares e fazendo demonstrações espalhafatosas de

fogo de artilharia. De facto, todas tinham canhões e engalanavam com bandeiras de sinalização os seus mastros de mar (ainda que em terra bem firme, nos jardins e miradouros das quintas que serviam de sede a cada força). A afiguração era de tal forma verosímil que até enganará o próprio rei D. Carlos aquando da sua visita à Madeira, em 1901, ao aceitar (com satisfação) as honras militares de uma dessas esquadras, julgando estar perante uma verdadeira companhia regular de marinheiros. O gracejo, no entanto, podia ir longe demais, como ficou bem evidente quando um “oficial” da Esquadra Submarina, disparando os seus canhões, ordenou o retorno ao porto de uma fragata da marinha de guerra francesa que zarpava da baía do Funchal...

As esquadras, testemunho da predisposição funchalense para abraçar a leveza da vida com empenho, acabam por esmorecer na sucessão da Primeira Grande Guerra, sobrevivendo o seu espírito missionário de boa-disposição em uma nova tertúlia de boémios, a “Nau Sem Rumo”. Lembrança das desaparecidas esquadras são os canhões que podem ser vistos junto à piscina do Clube Naval do Funchal,

outrora pertença da Esquadra Submarina de Navegação Terrestre.



III

AS RUÍNAS
DA ESPERANÇACAPELA DE NOSSA
SENHORA DA ESPERANÇA

*Montado da Esperança,
Freguesia de São Roque*

Nas serras de São Roque, no sítio da Alegria, uns bocados de parede persistem na lembrança da Capela de Nossa Senhora da Esperança, ali erguida para conforto espiritual de quem se via obrigado a apascentar os rebanhos pelas montanhas. Pedras sobrepostas em disposição geométrica, a forma amputada de um campanário baixo. Traços de devoção remota e ecos de festas idas. Roubada à capela a integridade das suas formas, restou o silêncio privilegiado de um sítio onde o transcendente se faz de vazios. O local escolhido para a ermida, arredado de qualquer vestígio de civilização, tinha apelado ao zelo das gentes que se ofereceram para o árduo transporte de areia e de cal – “como formigas num carreiro”, no dizer de Alberto Artur Sarmiento. Reza a tradição, ou talvez a mera dedução de quem a procurou achar, que a capela se ergueu em terreno doado pelo senhor do montado; um acto de piedade, para bem de sua alma e reconforto dos pobres que nesse recanto escuso laboravam sem referência cristã que lhes fosse familiar. Frequentado pelos romeiros e pelos pastores, que lá realizavam as tosquiadas, diz-se que foi neste mesmo sacro redil que a espetada madeirense encontrou o seu berço,

numa criação espontânea do engenho que discerniria, no pouco ali disponível, recursos suficientes para saciar a fome e deleitar a gula.

Concluída em data incerta, a pequena ermida era já um destroço em finais do século XVIII. Envolvidos por silvas e loureiros, os muros arruinados guardam os traços dos azulejos que outrora adornaram o interior da capela – em verdade, o desmoronamento do santuário não lhe tiraria a mística nem lhe subtrairia o arraial, pelo contrário. As multidões continuariam a chegar, movidas não pela devoção, mas pela crença inabalável na superação, nessa Alegria venerada ali perto, ao jeito de um povo habituado a ver na ruína a possibilidade de um recomeço. A Esperança, mesmo abatida, não deixa de se justificar.



IV

AS CORRIDAS
DE CAVALOS

RUA DA CARREIRA

*Freguesia de São Pedro*

A Rua da Carreira, que no século XVI se estendia desde o Portão de São Paulo (perto do local onde subsiste a capela da mesma invocação) ao Largo do Colégio, surpreende pela longa linha arqueada que desenha num plano citadino recortado por arruamentos e vielas irregulares, atravessando o primitivo núcleo manuelino de uma ponta a outra. Contudo, o nome que chega aos nossos dias é a designação corriqueira adoptada para denominar uma sucessão de várias ruas: Rua da Igrejinha, Rua dos Pintos, Rua de São Paulo e Rua de Manuel Grã. Dessa nomenclatura original resta-nos a referência à primeira, que terminava no local onde presentemente se situa a entrada oriental da Rua da Carreira – o actual Largo da Igrejinha sinaliza a existência do extinto trecho homónimo e de uma capela, dedicada a Nossa Senhora da Piedade, que ali existia (sob o apodo popular de Igrejinha). Alinhadas como artéria única, circundando o sopé plano do Pico dos Frias, o conjunto destas ruas cedo se evidenciou como espaço ideal para uma prática que, aos olhos das elites da época, tinha tanto de divertimento como de praxe viril (com conotações até bélicas) – as corridas de cavalos. Identificada por Gaspar Frutuoso como “Carreira dos Cavalos”, e

apelidada de “Carreira Velha dos Cavalos” em antigos registos paroquiais, a rua que conhecemos como Carreira é uma lembrança dos dias transcorridos ao som de cascos, um resquício dos arcaicos usos e costumes que, embora esquivos à modernidade, não deixam de se fazer presentes na longevidade de um dos mais vincados traços do rosto urbano.



V

A MADRE D'ÁGUA DA CIDADE

RESERVATÓRIO DA QUINTA DO POÇO



*Rua da Levada de Santa Luzia,
Freguesia do Imaculado Coração
de Maria*

A assegurar o acesso a águas potáveis é uma preocupação que perpassa os sucessivos séculos do Funchal, acompanhando o crescimento da urbe com o constante planeamento e construção de circuitos de distribuição adequados às necessidades diárias de higiene, alimentação e cumprimento dos preceitos religiosos nos seus numerosos templos, que tinham na água um dos elementos indispensáveis à celebração ininterrupta das liturgias diárias. A quase sacralidade deste bem, e o valor intrínseco dado à sua preservação e distribuição, está bem patente na peculiar construção que serve de reservatório municipal de águas na Quinta do Poço. O traçado monumental dos anos 30 do século XX ergue-se como resposta novecentista ao antigo e complexo problema de acompanhar a expansão dos limites urbanos com as garantias de salubridade pública que aos corpos do seu governo próprio se exige. A obra da Câmara Municipal, financiada, como indica a epígrafe na sua fachada, pela Ditadura Nacional, inspira-se na tradição portuguesa de arquitectura da água do século XVIII, não escondendo a intenção de assinalar a importância da estrutura e da sua função com elementos mais facilmente associados a

um edifício religioso (uma fachada brasonada, com amplas janelas monumentais e remates em cantaria lavrada). O reservatório da Madre d'Água da Quinta do Poço, com capacidade para 7000 metros cúbicos, tornou-se ainda mais original pela invulgar utilização do seu terraço como plataforma de observação da cidade, transformando-o num miradouro com uma das mais belas vistas sobre o Funchal.



VI

AS MOEDAS
DE NAPOLEÃOIGREJA ANGLICANA
DO FUNCHAL

*Rua do Quebra Costas,
Freguesia de São Pedro*

A 23 de Agosto de 1815, num dos dias mais quentes de que havia memória, abate-se sobre a cidade a fúria do Leste. Ao largo, solavancando entre as vagas, o navio britânico HMS Northumberland fundeava a certa distância da baía do Funchal. Trazia a bordo Napoleão Bonaparte, imperador deposto dos Franceses, que seguia para o seu exílio na ilha de Santa Helena. Tomando conhecimento de quem ia no navio, a população não tardou a associar o irascível tempo à presença daquele que, durante tantos anos, lhes fora apresentado como um anti-cristo, o ogre que semeava destruição. Proibido de se aproximar do porto pelo constante perigo de fuga do monarca destituído, o Northumberland não deveria permitir o embarque de quaisquer pessoas estranhas à tripulação; ainda assim (e apesar das condições adversas do mar), Henry Veitch, côsul inglês na Madeira, aventurase a abordar o navio e pede ao seu amigo, o almirante George Cockburn, que o deixe cumprimentar o imperador. Convencido o almirante, restava persuadir Bonaparte – Veitch alcança o pretendido com um apelo ao ego maltratado do conquistador, tratando-o por “Majestade Imperial”, uma expressão que

havia sido banida a bordo, onde o único título admitido ao prisioneiro era o de general. Tendo jantado e passado algum tempo na companhia de Napoleão (que o recebe afavelmente), Veitch parte com a promessa de mandar ao imperador alguns víveres para a etapa final da sua viagem. Com efeito, no dia seguinte chega ao Northumberland um carregamento de frutas, doces e uma pipa de Madeira Boal de 1792. Bonaparte, agradecido, enviará ao cônsul algumas moedas de ouro, Napoleões com a sua efigie. A pipa de vinho seria devolvida depois da morte do imperador, regressando selada. Desse barril devolvido encheram-se 200 garrafas de vinho, uma das quais oferecida a Winston Churchill aquando da sua visita à Madeira. Churchill, insistindo em abrir a garrafa e partilhar o conteúdo com os seus convidados, terá feito a seguinte observação: “Sabem que quando este vinho foi produzido Maria Antonieta era ainda viva?” Quanto às moedas de ouro, segundo o testemunho de Minet Cossart, foram depositadas por Veitch nos alicerces da Holy Trinity Church, a Igreja Anglicana do Funchal, aquando da colocação da primeira pedra do edifício que foi erguido com doações do rei Jorge III do Reino Unido, Leopoldo I da Bélgica, da família do almirante

Nelson (que havia destruído a marinha francesa na Batalha de Trafalgar), e do duque de Wellington, que derrotou Napoleão na Batalha de Waterloo.



VII

A SEPULTURA PERDIDA DE ZARCO

IGREJA DE SANTA CLARA



*Calçada de Santa Clara,
Freguesia de São Pedro*

A 21 de Novembro de 1471 morre João Gonçalves da Câmara – Zarco, o navegador, fundador e primeiro capitão-donatário do Funchal. Observando a sua vontade, e em linha com a prática da época, ao capitão é dada sepultura na ermida que servia de sua capela privada, Nossa Senhora da Conceição de Cima (assim denominada em contraponto à igreja popular construída junto ao mar, Nossa Senhora do Calhau ou da Conceição de Baixo). Algumas décadas depois, o templo seria integrado no convento de Santa Clara e colocado ao serviço das religiosas dessa ordem. Estavam, assim, lançadas as amarras para a derradeira aventura do povoador.

A sepultura de Zarco era no chão, ao centro do presbitério, encimada por uma pedra de mármore de três palmos de altura, oito de comprimento e três de largura. O volume do monumento dificultava a realização das cerimónias litúrgicas e bloqueava a passagem dos cortejos. Disso mesmo se queixa a abadessa do convento, madre Antónia Luísa do Céu, quando solicita autorização para remover o marco fúnebre em 1768. Segundo a religiosa, secundada por pareceres de outras autoridades eclesiásticas, a presença

da pedra era um empecilho ao culto, sendo frequentes as vezes em que, para a realização das celebrações mais solenes, se tornava necessário remover a laja para a sacristia ou para junto dos degraus do altar – arrastada com grande alarido, em detrimento do sossego conventual e do frágil pavimento do templo. A anuência é dada, a pedra é removida, e aqui perde-se o rasto às ossadas de Zarco (mal mencionadas em todo o processo).

O bombardeamento da igreja por um submarino alemão, a 12 de Dezembro de 1917, dará azo a um novo capítulo na saga do capitão. Durante as obras de recuperação deste antigo panteão dos Câmara, levantado o soalho, são encontradas três lápides: do segundo, terceiro e quinto capitães... Nenhuma referência a Zarco. Uma certa tradição apontará o elaborado túmulo gótico de Martim Mendes Vasconcelos, a um canto da igreja, como local de repouso final das ossadas do navegador, mesmo que não haja registo de alguma exumação, trasladação ou reconhecimento dos seus restos mortais. Poderão, de facto, manter-se no chão original, ou num outro insuspeito recanto do convento, em sepultura reduzida ao anonimato por insuficiente garantia na lousa retirada e na

fama alcançada. A pedra sepulcral do capitão permanece no Convento de Santa Clara, tendo numa das faces a inscrição de 1768 que assinala a sua remoção por autorização do primeiro marquês de Castelo Melhor, zelador do mosteiro e descendente de Zarco.



VIII

A TRÁGICA
MORTE DE UMA
ARISTOCRATA

SOLAR DE DONA MÉCIA

*Rua dos Aranhas, Freguesia da Sé*

Residência aristocrata de inícios do século XVI, o Solar de Dona Mécia é um raro exemplo de arquitectura civil manuelina no centro do Funchal, tendo sobrevivido à voragem do entusiasmo demolidor que arrasará muitas das mais relevantes estruturas da cidade ao longo do século XIX e XX, e escapado à destruição total aquando do trágico incêndio que, em 1957 (na sequência de um baile de Carnaval), conduz ao desaparecimento do seu recheio e dos aparatosos tectos mudéjares. A cronologia da construção espelha bem a mutabilidade necessária à sobrevivência de um edifício de cinco séculos no contexto de uma cidade acossada por visões contraditórias no seu contínuo arranjo. De facto, os últimos cem anos desta vetusta casa são prova de uma polivalência salvífica fundamentada na redescoberta de novas utilidades para um velho lugar. O espaço, que havia abrigado uma capelania protestante no tempo em que nele habitou o clérigo anglicano e notável naturalista Richard Thomas Lowe (entre 1834 e 1848), servirá de escola primária, de restaurante, de clube de diversões e terá, também, um cinema ao ar livre – o Cine Jardim. No entanto, é graças a um trágico

evento da sua história que esta moradia, hoje sede da Associação Comercial e Industrial do Funchal, conserva o nome de uma das antigas ocupantes, Mécia de Vasconcelos. Em 1693, estando despreocupada à janela da sua casa, Dona Mécia é colhida por um tiro de mosquete que virá antecipar o seu encontro com o Criador. O autor do disparo, um desafortunado frade do contíguo Convento de São Francisco, procurava atingir um francelho que havia pousado numa árvore, tendo o projectil, por grosseira falta de pontaria ou pura inabilidade, acertado precisamente na cabeça da nobre senhora, “por cima dos olhos”, e assim encaminhado a voz dos tempos na criação de uma união indissolúvel entre o solar e a vítima. O fatídico episódio foi romantizado por Camilo Castelo Branco no seu livro “O Santo da Montanha”.



IX

UMA VISTA PARA O MUNDO

JANELA DE COLOMBO



*Rua da Torrinha, Freguesia do
Imaculado Coração de Maria*

Na Quinta da Palmeira, que foi propriedade do empresário Harry Hinton, subsiste uma verdadeira singularidade de um Funchal desaparecido. Exuberantes jardins servem de relicário a uma ruína que nos remete para o domínio dos obreiros desse Novo Mundo que, nesta cidade, ganhou foros de horizonte próximo. Encavalitada numa colina, como testamento romântico desse tempo e desses gigantes, uma monumental janela gótica partilha a liberdade daquele que, porventura, terá escutado e vislumbrado o Funchal quatrocentista debruçado sobre a sua beirada: Cristóvão Colombo. Proveniente do edifício que ficará também conhecido pelo apelido do explorador, esta janela geminada é um resquício da casa do mercador flamengo João Esmeraldo (Jennin Esmenaut), que se erguia junto à rua que hoje toma o seu nome. Segundo a tradição, a residência do século XV, demolida em 1876 para dar lugar a um arruamento, terá abrigado o descobridor das Américas aquando de uma sua passagem pela Madeira. Efectivamente, não será descabido conjecturar que por ali tivesse passado; ainda assim, como sucede com muito do que rodeia este ilustre navegador, torna-se

difícil separar a fantasia dos factos e, perante a lacuna documental, é talvez justo que assim seja – mais um enigma por resolver no relato desse mistério maior do homem por detrás da lenda. As certezas, ou falta delas, não impedirão, decerto, que sob o recorte desta ventã virada para o Atlântico, entre os semblantes cinzelados de figuras imprecisas, possam germinar outros mitos e, quiçá, nascer novos mundos.



X

A NASCENTE DO CAPITÃO

FONTES DE JOÃO DINIZ



*Rua das Fontes,
Freguesia da Sé*

Uma das mais antigas nascentes de água potável encontradas na cidade, as Fontes de João Diniz eram já referidas por esse nome em finais do século XV, quando ainda não se havia construído o Baluarte Velho do Funchal (predecessor da Fortificação de São Lourenço), junto às casas do capitão, no local chamado de Altinho das Fontes. Pelo ano de 1495 seriam alvo de obras de reparação, executadas pelo pedreiro Gomes Garcia. Gaspar Frutuoso, em fins de Quinhentos, refere-as ao descrever a fortaleza “situada sobre uma rocha” com “seis grandes formosos canos de água”. Ocupavam estas fontes, de facto, um lugar de suma relevância na actividade portuária, sendo o sítio de recolha da necessária aguada para as embarcações que ali perto ancoravam. Uma cisterna, protegida pelos muros da fortificação, acolhia as águas que brotavam de fendas existentes na rocha subjacente à estrutura (e que abasteciam a ancestral morada do capitão), distribuindo-as nas bicas de fora, ao nível da praia, em benefício dos navegantes e dos moradores vizinhos. No último quartel do século XVIII serão protegidas pela construção de uma nova muralha ao longo do mar, elemento que se perderia nas alterações

efectuadas pelo ano de 1841. Soterradas em 1939, nas obras de construção da Avenida do Mar, são redescobertas em 2010, durante os trabalhos de limpeza da trágica aluvião de 20 de Fevereiro. Permanecem, agora, novamente acessíveis aos Funchalenses e visitantes, como duradouro memorial da antiguidade deste que foi um dos mais importantes portos do Atlântico.



XI

UMA JÓIA MANUELINA

CAPELA DA NOSSA SENHORA DA ENCARNAÇÃO



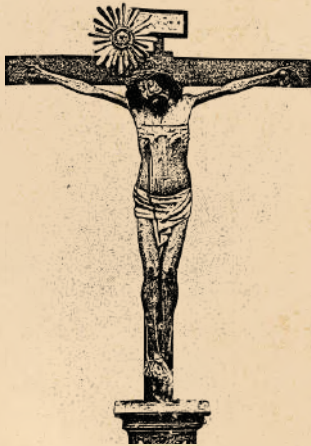
*Calçada da Encarnação,
Freguesia de Santa Luzia*

A Capela de Nossa Senhora da Encarnação, inicialmente sob o patronato de Nossa Senhora da Conceição (designação que está na origem da rua que liga os arredores deste templo ao centro da cidade), é uma das edificações subsistentes do Funchal manuelino. Aninhada no sopé da colina, perto da Ribeira de Santa Luzia e junto do primitivo caminho de acesso ao Monte, a estrutura teve uma vida atribulada. No século XVII, a capela – que havia sido concebida como prédio isolado – é integrada na construção do Mosteiro de Nossa Senhora da Encarnação (conjunto que lhe outorgará a invocação actual). Em 1905, extintas que estavam as ordens religiosas e havendo já falecido a última freira residente, o convento foi demolido, libertando parcialmente o templo que será apropriado pelo Estado em 1910. Pelo ano de 1914, estando o espaço sem culto, Henrique e Francisco Franco instalarão lá o seu atelier; é neste lugar que a famosa estátua de João Gonçalves Zarco será executada. Um ambicioso restauro, em meados do século XX, devolver-lhe-á a sua primitiva traça. Quem visite este esconso sagrado, agora reconduzido à dignidade devida, poderá recuar à génese espiritual do Funchal, aproveitando para

admirar o bellissimo retábulo de inspiração flamenga que lá se encontra (instalado em 2004) e conhecer a enigmática cabeça quincentista esculpida na porta lateral da capela que, segundo a tradição, será uma representação de Pero Anes, mestre pedreiro da Sé (muito semelhante a um outro seu reputado autorretrato, esculpido no púlpito da catedral).



XII

O CRUCIFIXO
QUE MOVEU
O BRAÇOSENHOR DOS MILAGRES
DO FUNCHAL

*Largo D. Manuel 1,
Freguesia da Sé*

A devoção popularmente apelidada de Senhor dos Milagres está, na Madeira, visceralmente associada à imagem da capela com a mesma invocação, em Machico, levada pelas águas da ribeira aquando da aluvião de 1803 e, mais tarde, encontrada no mar por uma galera americana. Não é, contudo, a única (nem a primeira) referência a um crucifixo miraculoso. De facto, um dos mais antigos fenómenos devocionais envolvendo a representação de Cristo morto ocorre no Convento de São Francisco do Funchal, a 26 de Dezembro de 1461. Rezam as crónicas que, durante a missa conventual da Primeira Oitava, uma imagem de Jesus crucificado moveu o seu braço direito, soltando-o da cruz e deixando-o paralelo ao corpo até ao dia seguinte – isto numa escultura flamenga sem articulações mecânicas, de volumetria única. O fenómeno, visto por muitos dos presentes (mas não por todos), foi mais badalado por se encontrar na assistência a filha de Zarco, Helena Gonçalves da Câmara, que ganhará uma certa reputação ao se lhe atribuírem diálogos com o crucifixo em questão. Alastrará por toda a ilha a notícia do ocorrido e cedo se dará à escultura o título de Senhor dos Milagres. Em 1615 a autoridade diocesana atestará, por

decreto próprio, a veracidade do ocorrido, estipulando os dias de 26 de Dezembro e 28 de Outubro para que, anualmente, se expusesse solenemente ao culto a efigie sagrada. A atribuição de propriedades sobrenaturais às esculturas de veneração era, no espectro devocional funchalense, relativamente comum; são inúmeros os relatos de imagens que conquistavam a atenção das massas por alguma particular característica ou assombro que desafiava a sua intrínseca condição de mero objecto – o exemplo mais curioso será, provavelmente, o da estátua de Santo Elói, padroeiro da Confraria dos Ourives do Funchal, à qual se atribuíu o prodígio de destilar óleo pela unha do pé.

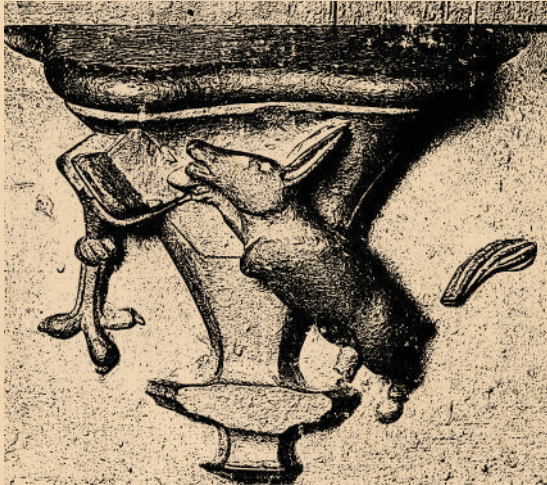
O crucifixo do Senhor dos Milagres do Funchal passará, por ocasião da demolição do Convento de São Francisco, para nicho próprio na Sé, onde hoje se encontra entronizado num dos altares da nave lateral esquerda.



XIII

UM SANTO
ATREVIMENTO

CADEIRAL DA SÉ



*Largo D. Manuel I,
Freguesia da Sé*

O cadeiral do Cabido da Sé do Funchal é a manifestação de uma improbabilidade: a livre expressão artística num contexto frequentemente associado a normas rígidas, num tempo de intransigência e num espaço destinado a imagens devocionais e a conceitos distintos. De facto, a ornamentação do cadeiral da catedral segue a tradição das representações absurdas e satíricas aplicadas nos constituintes mais discretos e escondidos dos edificios religiosos. As misericórdias – elementos entalhados salientes que serviam de suporte ao tabuado oscilante do cadeiral e que, num uso secundário (quando recolhidos os assentos), ofereciam descanso aos clérigos ao permitirem encostar as suas nádegas e refrear a fadiga das longas horas de pé – eram artefactos escusos, de uso suficientemente profano para neles se tecerem as críticas sociais que poucos arriscavam expressar abertamente. O alvo de estimação dos artistas era o clero, que se oferecia como presa fácil numa época em que o comportamento contraditório e pouco regrado era quase convencional. A sátira consumava-se, no entanto, recorrendo a um léxico escultórico tradicional, uma *marginália* conhecida, de fácil apreensão,

dado o recurso a representações profanas que traduziam expressões populares corriqueiras, e muitas vezes obscenas, do qual o cadeiral do Funchal e de Santa Cruz de Coimbra são exemplares singulares em Portugal. É assim que, desafiando as piedosas representações dos santos nas espaldas do cadeiral, podemos observar um frade raposo a pregar às galinhas, um porco a ler um missal, um burro a cantar os ofícios divinos, uma gironda a fiar, uma mulher nua curvada, e até mesmo um macaco insolentemente mostrando o rabo – trata-se de uma narrativa não muito distante da piada brejeira das tabernas e do insulto de rua, onde o comportamento desviante e as falhas de carácter são expostos sem objecção da classe visada, constringida a ser magnânima perante esta licenciosidade artística, como monarca suportando as piadas dos seus bobos da corte. Aos artesãos da Sé concedeu-se a indulgência assegurada aos insanos, no temor que reconhece à loucura ecos da voz de Deus.



XIV

AS HORAS DO MUNICÍPIO

RELÓGIO DA TORRE DA SÉ



Rua do Aljube, Freguesia da Sé

Antes que existisse relógio na Sé, havia um relojoeiro pago pelo erário público para fazer soar as badaladas na torre da catedral e assim assinalar as horas do dia. Era uma função de particular importância numa cidade portuária em que a cadência horária assumia um papel fundamental na vida religiosa, comercial, militar e cívica. O primeiro relógio mecânico, executado por Paulo de França sob as ordens do governador João António de Sá, será instalado em 1775 – com cuidador permanente, nomeado e pago pelo Município (o efectivo proprietário da peça). Cada um dos quatro mostradores deste antigo relógio público dispunha de um único ponteiro com 135 centímetros de comprimento. Em 1835, estando o sino das horas danificado, foi substituído por um dos sinos grandes provenientes do Convento de São Francisco, e o sino dos quartos de hora trocado por um outro vindo da Igreja do Colégio. Desse primitivo sino das horas, vendido em hasta pública pela Câmara Municipal, sabe-se apenas que pesava cerca de 900 quilos – aliás, Gaspar Frutuoso, descrevendo o mesmo no século XVI dirá que era “tão grande, que levará em sua concavidade trinta alqueires de trigo, e de tão soberbo e grande som, que se

ouve de duas léguas”. O actual mecanismo, oferecido ao Município pelo médico inglês Michael Grabham, foi benzido a 23 de Fevereiro de 1922 na presença do imperador Carlos de Habsburgo. Os quatro mostradores que encimam a torre sineira da Sé, com 230 centímetros de diâmetro cada, são os mesmos utilizados pelo primeiro relógio, tendo os ponteiros horários sido substituídos aquando da instalação do novo mecanismo, data em que também foram adicionados os ponteiros dos minutos (até então em falta). A torre da Sé, que em tempos abrigou a sacristia original e que também serviu de prisão, permanece como um dos símbolos maiores do Funchal, ornando o quotidiano da cidade com a sua omnipresente silhueta e ligando as horas de uma experiência secular sob o constante compasso dos seus sinos.



XV

O PARAÍSO
PERDIDOO MURAL DO PÁTIO
DO CABIDO

Rua do Aljube, Freguesia da Sé

Nas traseiras da Sé, num pequeno pátio limitado pelos muros exteriores do presbitério da catedral e pelos edifícios da sacristia e do Cabido, subsistem os vestígios de um excecional conjunto de pinturas murais. Será estranho pensar em tal decoração a céu aberto, exposta às asperezas das estações; todavia, nem sempre foi assim. A existência de um fresco neste recinto remete-nos para uma outra realidade – a das constantes alterações aos espaços envolventes à Sé ao longo dos tempos. De facto, a quase totalidade da cabeceira da catedral encontrava-se envolvida por construções (adições dos séculos XVII e XVIII) que vieram a ser derrubadas numa tentativa polémica de aliviar o corpo do templo e devolver-lhe a aparência que teria originalmente. Aliás, no decorrer do século XX, até o edifício principal sofrerá significativas modificações que não pouparão a própria fachada, com a eliminação da varanda e emparedamento das duas portas-janelas de inspiração gótica que aparecem nas representações do século XIX e fotografias da primeira metade de Novecentos. O aspecto actual da Sé e seus anexos é, contudo, fruto de um processo longo que só se concluí na década de 70 do

século passado, com a demolição de mais um elemento: a divisão que abrigava o mural. Circunscrito, em nossos dias, às duas paredes restantes dessa primitiva estrutura que servia de vestíbulo à sacristia nova da catedral, o fresco subsistente representa o Jardim do Éden. Terá sido executado no século XVIII, por artista italiano ou dessa tradição pictórica, a par de outros murais da cidade (como o dos jardins da Quinta das Cruzes e o da guarita setentrional do Palácio de São Lourenço). Na pintura do pátio da sala do Cabido podemos ver Adão e Eva, nus e de mão dada, a passear na companhia de animais – entre os quais um elefante, um leão e um unicórnio. Apontando para a serpente e de rosto virado para fora da cena, o olhar de Eva parece interpelar-nos directamente... uma advertência para os perigos da tentação?



XVI

A FACE OCULTA DA PORTA DA CIDADE

PORTÃO DOS VARADOUROS



*Largo dos Varadouros,
Freguesia da Sé*

O Portão dos Varadouros, uma referência da trama urbana do Funchal seiscentista, aparece-nos, presentemente, como artigo incompleto em capítulo esquecido. Designado por referência ao troço de praia que lhe ficava defronte, onde se varavam as embarcações, o portão cumpria o papel de entrada cerimonial na cidade, integrando-se na muralha defensiva que se erguia ao longo da costa. A memória deste marco, recentemente avivada pela construção de uma réplica parcial em menor escala (onde foram incorporados alguns dos elementos originais, como a epígrafe em cantaria da região e o escudo em mármore), não faz, contudo, justiça à real originalidade e dimensão da edificação, que excedia a curiosa fachada lavrada, visível em várias fotos de finais do século XIX e inícios do século XX. Um dos elementos mais invulgares e menos conhecidos do conjunto era a passagem que se seguia à entrada de aparato – um corredor em túnel, disposto sob arcos romanos baixos que sustentavam uma autêntica pérola da arquitectura funchalense: a Capela de Nossa Senhora dos Varadouros. Erguida, assim, sobre o pórtico formado pela arcaria deste componente acantoadado da entrada na cidade,

a ermida hospedava uma segunda Nossa Senhora do Monte, imagem de roca réplica da original, trazendo para o seio da cidade a presença patronal da Virgem e remendando a vulnerabilidade de uma brecha no muramento com a segurança de uma intercessão próxima. A rara disposição criada submetia, também, toda e qualquer chegada protocolar de prelados, governantes e oficiais na cidade a um celeste escrutínio, obrigados a passar debaixo do templo secundário da padroeira antes de assumirem os cargos a que iam destinados. Demolida em 1911, a par do portão, a Capela dos Varadouros foi uma das mais originais construções religiosas do arquipélago, tendo o seu recheio sido trasladado para a sacristia velha da Sé, na base da torre sineira, onde agora se podem ver o retábulo e estátua da Nossa Senhora do Monte dos Varadouros, em altar da mesma invocação.



XVII

UM MISTÉRIO
POR DESVENDAREDIFÍCIO NÚMERO 33
DA RUA DO CARMO*Freguesia da Sé*

Na Rua do Carmo, um misterioso imóvel de arquitectura revivalista mourisca mantém enclausurado o mistério da sua origem. Indicado, por alguns, como espaço usado no culto da comunidade judaica, esta construção dos tempos da Primeira República apresenta, de facto, certos delineamentos idênticos aos encontrados na fachada da Sinagoga de Lisboa. Não existem evidências, porém, quanto à autoria do projecto, nem se sabe qual seria o seu propósito primeiro, mesmo que a remissão para o universo religioso hebraico se torne quase imediata perante a curiosa decoração da janela do piso superior, onde uma estrela de David parece se esconder da azáfama exterior. Ainda assim, a questão em aberto remete-nos para uma crisóstoma omissão nas menções do nascimento da urbe. A falta de dados que atestem a existência de um lugar único fixo para celebração comunitária do *Shabat* não fere a veracidade da presença judaica em tempos recentes e nos primórdios da cidade, nem afecta a constatação que, embora camuflada, existia uma prática religiosa consolidada por encontros à porta fechada em habitações particulares nos anos subsequentes à expulsão dos judeus

dos domínios portugueses. Uma leitura da sentença da visita de Inquisição de 1592 apresenta-nos um Funchal reprimido pela denúncia e pelo medo, como transparece da condenação póstuma da viúva Ana Dias, prisioneira que havia morrido num naufrágio a caminho do Santo Ofício de Lisboa. Delatada pelos próprios filhos, Ana Dias seria condenada por guardar o *Shabat* judaico, promovendo encontros na sua casa, aos sábados, de perto de três dezenas de cristãos-novos, que se reuniam para comer doces e cantar ao som do cravo e da cítara, sob o pretexto de venerarem Nossa Senhora do Pópulo. Assim, ao longo do século XVI, as numerosas referências a cristãos-novos, e o anátema da sujeição dos mesmos a sombrios processos inquisitoriais, falam-nos de uma cidade caldeada na diversidade de raízes culturais (e religiosas), cujo temperamento – na densidade de dizeres, sabores e usos – conseguiria suplantar as clivagens acossadas por um poder que dividia para reinar. Da amálgama de uma experiência social e mercantil dependente do frágil equilíbrio entre cristãos, judeus e muçulmanos (estes, na sua maioria, escravos), destilava-se uma identidade partilhada, num processo que

continuaría para além do sobressalto da forja inaugural, e que se torna manifesto no enigma de um edifício que incorpora os traços civilizacionais dessas três tradições.



XVIII

AS EXECUÇÕES
PÚBLICAS

LARGO DA FORCA

*Freguesia de Santa Maria Maior*

O topónimo deste obscuro recanto de Santa Maria Maior apresenta-se como contradição à percepção generalizada que a pena de morte foi um mal desconhecido no Funchal. Em verdade, segundo os registos subsistentes, os brandos costumes dos Funchalenses não impediram a consumação de pelo menos duas execuções públicas no solo da sua cidade. A primeira referência – e a única que, por ausência de localização precisa, pode ser associada a este local – ocorre no contexto do domínio filipino: o enforcamento de Frei João do Espírito Santo, pelo ano de 1582. O frade, partidário do pretendente ao trono português D. António, o Prior do Crato, terá procurado instigar um levantamento popular contra o novo monarca, Filipe II de Espanha, tendo as autoridades determinado a sua execução em trajes de leigo (o curioso pormenor manifesta um especial cuidado para não acicatar os voláteis ânimos populares, nem ferir as susceptibilidades clericais, com a irreverente imagem de um religioso pendurado na forca). O segundo episódio, também ele fruto de uma imposição por parte de uma potência estrangeira, sobrevém aquando da ocupação da ilha por forças britânicas, no decurso das

Guerras Napoleónicas, em Dezembro de 1813. Sob as ordens do general Gordon, comandante das tropas ocupantes, foi enforcado um soldado inglês condenado pelo assassinato do seu sargento. A ordem do oficial havia sido fortemente contestada pelo governador Luís Beltrão, que tinha invocado a sua autoridade enquanto representante legítimo da Coroa para se opor à consumação de uma pena capital na cidade do Funchal – contudo, nem a sugestão de que o acto fosse levado a cabo em mar alto, por respeito à soberania portuguesa, merecerá a consideração do general britânico. De facto, Gordon não só ignorará os protestos, como obrigará o regimento de artilharia portuguesa a assistir ao enforcamento público, que terá lugar junto à Capela da Penha de França, perto do reduto então ocupado pelas suas forças.

No reino do insólito permanecerá a memória de uma execução de carácter simbólico, no Largo do Pelourinho, onde, no início do século XVII, se enforcará a efígie de Francisco Rodrigues Jardim, condenado à revelia pelo rapto de Dona Maria de Ornelas (uma história de contornos bem mais românticos que criminais).



XIX

O MILAGRE
DO MONTEMONUMENTO A NOSSA
SENHORA DA PAZ

*Caminho dos Pretos,
Freguesia do Monte*

Tendo como motivo da sua construção o voto realizado aquando dos trágicos bombardeamentos do porto e cidade do Funchal por submarinos alemães, durante a Primeira Grande Guerra, o monumento a Nossa Senhora da Paz, no Terreiro da Luta (em lugar conhecido por Fonte da Telha), assinala também o local da experiência visionária de uma pastorinha de nome desconhecido. Segundo a narrativa tradicional, uma humilde moça, encarregada de guardar o rebanho da sua família, encontrava-se nesse serro quando é abordada por uma menina que lhe oferece companhia e uma merenda. Ao chegar a casa relata o sucedido à família que, incrédula, atribui o insólito caso à imaginação da pequena. Não seria habitual, de facto, que mais alguém por lá andasse – muito menos uma menina (e com merenda pronta a oferecer). O encontro repete-se e, ao terceiro dia, o pai da pastorinha, procurando descobrir o que se passava, sobe ao lugar indicado e encontra a sua filha diante de uma pequena imagem da Virgem Maria, prontamente identificada pela criança como a interlocutora com quem tinha brincado e que lhe havia dado de comer.

A imagem terá sido conduzida à Capela da Encarnação, fundada por Adão Gonçalves

Ferreira (primeiro homem a nascer na ilha e irmão gêmeo de Eva Gomes Ferreira, a primeira madeirense), perto do lugar onde hoje se ergue a Igreja do Monte. O mesmo raconto acrescenta que, tendo a estatueta sido colocada na ermida, apareceu inexplicavelmente em outro lado, junto à bica de água que agora se abriga em baldaquino, no Largo da Fonte, sobre uma pedra conhecida no século XVIII pelos misteriosos caracteres que ostentava. A pedra foi soterrada em 1896, aquando das obras de ampliação do espaço. No Terreiro da Luta, em pedestal envolvido pelas correntes dos navios torpedeados na baía do Funchal, existe um baixo-relevo em bronze que recorda a aparição da Virgem do Monte à pastorinha.



XX

O DEMÓNIO DAS NEVES & O FANTASMA DA RIBEIRA

CAPELA DE NOSSA
SENHORA DAS NEVES



*Caminho das Neves,
Freguesia de São Gonçalo*

O monte foi consagrado pela forma alongada de uma ermida que guarda uma das mais belas vistas sobre a cidade, cingindo os traços de um primitivo recinto pisado desde que na ilha se fez vida.

A capela quinhentista, acrescentada na transição do século XIX para o século XX por John Blandy, foi, em tempos idos, igreja paroquial – a primeira que conheceu a freguesia de São Gonçalo. Encontra-se sob o patronato de Nossa Senhora das Neves, devoção que baptiza o sítio e congrega as memórias seculares de uma fé semeada à beira dos caminhos importantes. É um título mariano antiquíssimo, do século IV, tendo a sua origem no prodígio pelo qual a Virgem terá sinalizado o local de Roma que escolhia para o seu santuário – em pleno mês de Agosto uma das colinas da Cidade Eterna amanhece coberta de neve (o monte Esquilino, onde hoje se ergue a Basílica de Santa Maria Maior). O relato lendário encontra-se representado no retábulo maneirista que preside à velha capela. E terá sido, na convicção de Gaspar Frutuoso, também prodigioso o apego que valeu a salvação de quem ali escapou às artimanhas de Satanás. Diz o cronista que por perto havia grandes barbusanos e formosos

dragoeiros (como aqueles centenários que ainda por lá se encontram); numa noite, vindo um certo clérigo do Caniço para o Funchal, encontrou sob esses arvoredos das Neves uma companhia inesperada. Um sujeito, que lá repousava, procura conversa e faz-se parceiro de itinerário. Recusa, sem levantar suspeitas, o convite do religioso para o acompanhar à ermida – aberta à devota e expectável oração de quem por lá passasse. Finda a prece à Senhora das Neves, o eclesiástico continua o seu caminho na companhia do desconhecido que o havia esperado no adro. Contudo, as verdadeiras intenções do estranho fulano seriam prontamente reveladas quando, conduzindo-o para a beira do promontório um pouco abaixo, procurou desencadear uma luta com o homem de Deus e levá-lo a tombar no precipício. Era o Diabo, pensou o clérigo. Um sinal de cruz e um “vade retro” terão sido suficientes para arrenegar o espírito maligno, que se atirou do Pináculo para nunca mais ser visto.

A narração de Frutuoso acrescenta um outro detalhe: à distância de meia légua da capela, ao chegar à Ribeira de Gonçalo Aires, havia também um fantasma que aparecia amiudadas vezes sob a aparência de sapateiro.

Mais plausível é que algum salteador, munido de disfarce, tirasse proveito da credulidade dos transeuntes para levar a sua avante – um sapateiro teria, certamente, maior utilidade que um demónio enfadado (muito embora, nessa época, fossem mais os descalços que os ingénuos).



XXI

O TESOURO
PIRATA

GRUTA DO CAPITÃO KIDD



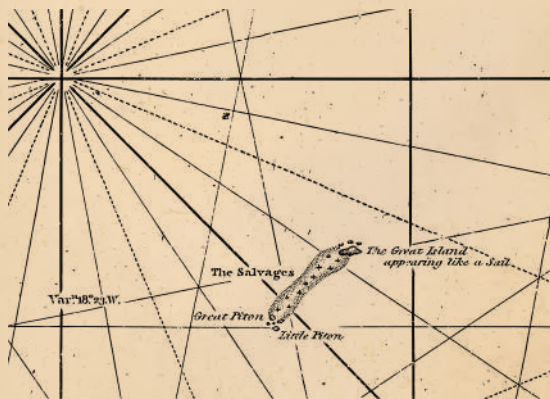
*Selvagem Grande,
Freguesia da Sé*

As Selvagens são o território funchalense que dão ao Município a peculiaridade de estender o seu limite administrativo 280 quilómetros para além da linha de costa madeirense. A paisagem estéril destas ilhas contrasta, no entanto, com a riqueza das suas lendas. Uma das narrativas mais curiosas tem como epicentro a caverna da Selvagem Grande conhecida como a Gruta do Capitão Kidd. Relatos contraditórios falam de um enigmático depoimento, registado no Almirantado Britânico, em que um marinheiro afirma saber de um tesouro incrível, escondido numa “ilha deserta” perto das Canárias. As referências dividem-se em explicações e esclarecimentos, datas e personagens. Para além das contínuas alusões ao documento do Almirantado, tudo permanece toldado na neblina do mito, e nem a identidade do corsário responsável por esconder a fortuna era certa: para alguns havia sido Kidd, para outros um salteador francês, ou até mesmo piratas espanhóis, que se tinham amotinado e assassinado o seu capitão (enterrado sobre o baú do tesouro como espantinho de cobiças indesejadas).

Christian Cruise, marinheiro inglês, refere aos seus superiores a existência de um

tesouro ocultado na Selvagem Grande no ano de 1804 pela tripulação uma galera corsária espanhola, muito depois de morto Kidd. De facto, William Kidd, o infame pirata escocês, havia sido executado em 1701, mais de cem anos antes de reportada a primeira expedição em busca de um tesouro nas Selvagens. Os elementos do testemunho, fosse ele qual fosse, terão sido suficientes, no entanto, para merecer o crédito de alguns (guiados pela verosimilhança do relato, pela imaginação ou pela ganância). O certo é que, no decorrer do século XIX, somam-se as expedições em busca do ouro pirateado. Em 1813, Hercules Robinson segue com Cruise, ao leme do HMS Prometheus, para uma busca infrutífera ao serviço da marinha britânica. Regressará outra vez no ano de 1856, a título pessoal, já depois de por lá terem passado o capitão A. Mellersch com outra meia dúzia de ingleses (em várias expedições entre os anos de 1848 e 1851). No final do século XIX é a vez do aventureiro Edward Frederick Knight provar o dissabor do insucesso. Em 1921, Ernst Henry Shackleton, famoso explorador da Antártida, procura uma melhor sorte. Aproveitando uma escala no Funchal a caminho do Polo Sul, pede a Luís da Rocha Machado, o proprietário

das Selvagens, autorização para procurar o tesouro (com a contrapartida de com ele dividir o espólio). A promissora iniciativa não será concretizada; Shackleton morrerá de ataque cardíaco nessa mesma viagem. Nos anos 30 uma nova expedição, desta feita portuguesa, concentra os seus esforços no ponto que tomará o nome de Kidd – as marcas desse intento permanecem visíveis na gruta, onde abandonaram as ferramentas de perfuração. Realidade ou mito, o certo é que o improvável se tornou promessa permanente nesse lugar sem gente que coube à fantasia ocupar.





FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Roteiro Secreto do Funchal

AUTOR

João Márcio Abreu de Matos

DESIGN & ILUSTRAÇÕES

Sandra Baltazar

COORDENAÇÃO

Departamento de Economia
e Cultura

PROPRIEDADE

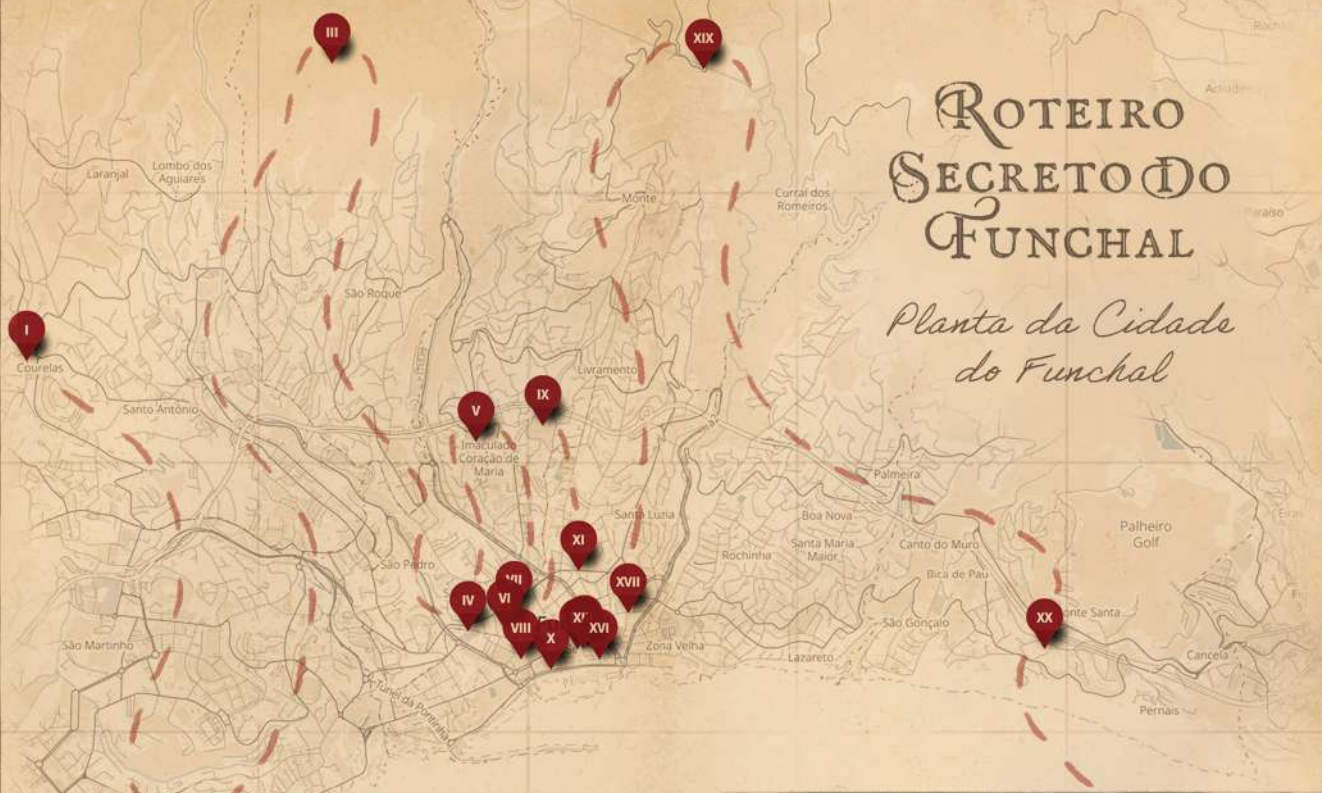
Câmara Municipal do Funchal

TEXTOS ELABORADOS SEGUNDO A ANTERIOR
NORMA ORTOGRÁFICA



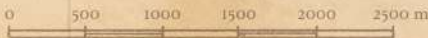
ROTEIRO SECRETO DO FUNCHAL

Planta da Cidade do Funchal



Selvagem Grande

Escala



A capital madeirense guarda, na extensão da sua cronologia, narrativas invulgares que escapam à celebridade: o *Roteiro Secreto do Funchal* recolhe algumas dessas histórias menos conhecidas, traços de uma cidade apaixonante e de espaços forjados à medida das suas gentes.

Mais que uma proposta, os 21 elementos escolhidos são um convite à exploração – pontos de partida para o achamento de um outro Funchal, lendário e misterioso, onde o instante repousa cativo.



VER ROTEIRO



VER MAPA

www.visitfunchal.pt